

RELAÇÕES ENTRE O “MITO DA CAVERNA”, DE PLATÃO, O FILME “MATRIX” E A RETÓRICA

THE RELATIONSHIP BETWEEN PLATO’S “MYTH OF THE CAVE”, THE “MATRIX” MOVIE AND RHETORICS

Clayton Soares Fonseca¹
Antônio Alvimar Souza²

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)/Prof-Filo – Núcleo Universidade Estadual de Montes Claros; professor da rede estadual de ensino de Minas Gerais; e-mail: claytonsoaresfonseca@gmail.com

²Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) – Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES); e-mail: aalvimars@homail.com

Resumo

O presente artigo trata sobre o mito da caverna de Platão e a sua importância para a experiência filosófica. É abordado como a contemplação perdeu o seu valor desde a Grécia antiga e suas consequências que levaram à exaltação da praticidade e objetividade como a solução de crises. Elementos muito utilizados em regimes de viés autoritários e na radicalidade do totalitarismo, explicitado nas obras de Arendt. No mito da caverna, Platão relata a saída de um prisioneiro de uma caverna, presos na ignorância que contempla a luz do exterior e a verdade que não conhecia. Do mesmo modo ocorre no filme Matrix esse processo de libertação que não é uma tarefa fácil e o regime que controla esse sistema não quer alterar essa situação. Esse mesmo regime utiliza de diversas técnicas e uma delas abordadas no artigo é a retórica, presente no pensamento de Aristóteles. Sendo assim o aprofundamento desses conceitos e suas ligações, se faz necessário, para a compreensão e abre a possibilidade de didática no ensino de Filosofia no ensino médio.

Palavras-chave: Contemplação, Manipulação, Totalitarismo; Retórica.

Abstract

This article deals with the myth of Plato's cave and its importance for the philosophical experience. It discusses how contemplation lost its value since ancient Greece and its consequences that led to the exaltation of practicality and objectivity as a solution to crises. Elements widely used in authoritarian regimes and in the radicalism of totalitarianism, explained in Arendt's works. In the myth of the cave, Plato tells of the departure of a prisoner from a cave, trapped in ignorance that contemplates the light from outside and the truth that he did not know. In the same way, in the movie Matrix, this liberation process is not an easy task and the regime that controls this system does not want to change this situation. This same regime uses several techniques and one of them addressed in the article is

rhetoric, present in Aristotle's thought. Therefore, the deepening of these concepts and their connections is necessary for the understanding and opens the possibility of didactics in the teaching of Philosophy in high school.

Keywords: Contemplation, Manipulation, Totalitarianism; Rhetoric.

Vida Contemplativa: enfraquecimento e perda de valor

Hannah Arendt em *A Condição Humana* distingue *vita activa*, que constitui no âmbito das atividades físicas fundamentais da condição humana, de *vita contemplativa* que constitui em poucas palavras no âmbito das atividades do pensamento.

Na primeira encontramos três atividades principais: trabalho, obra e ação.

O trabalho é a atividade que corresponde ao processo biológico do próprio corpo humano, a condição humana do trabalho é a própria vida. A obra é a aquela atividade que produz um mundo artificial de coisas, a condição humana do trabalho é a mudanidade. A ação é a única atividade dentre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade. Somos todos humanos, assim somos os mesmos, mas diferentes.

O trabalho, a obra e ação como afirma Arendt, têm também raízes na natalidade, pois suas funções mais gerais é produzir e preservar o mundo para o constante influxo dos recém-chegados, sendo a ação mais ligada à questão da natalidade, pois a ação é a atividade política por excelência, a natalidade e não a mortalidade pode constituir a categoria central do pensamento político em contraposição do pensamento metafísico.

A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens no que tocam ou entram em contato, direta ou indiretamente já se tornam pressupostos ou condições para sua existência, só que neste momento, deparamos com a questão, o homem não apenas condiciona as coisas para as suas necessidades vitais, mas também são condicionados por essas coisas.

Arendt atenta para o fato de que não podemos cair no erro de interpretação ao levarmos em consideração que natureza humana seja a mesma coisa que condição humana.

As condições da existência humana, a própria vida, a natalidade e a mortalidade, a *mudança* e o planeta terra jamais podem explicar o que somos, pois, nunca nos condicionam de modo absoluto. Após essa fomentação de problemas é necessário apresentar a vida contemplativa nas suas origens.

No tocante a *vita contemplativa*, Hannah Arendt parte dos gregos da era clássica e resgata o sentido original de contemplação, quando a atividade do pensamento tinha primazia sobre todas as outras atividades. A contemplação que está na origem da atividade do filosofar, é para os antigos filósofos a maneira mais confiável de compreender a verdade. Esta não pode ser encontrada no mundo sensível, pois tudo o que se apresenta no mundo das aparências é mutável, transitório, repetitivo e os sentidos ao perceberem essas aparências se enganam com frequência.

O melhor que se pode afirmar da percepção sensível é que ela põe o mundo, forma intuitiva, para a reflexão filosófica. Para alcançar a verdade por trás das aparências enganosas e não correr o risco de se dar por satisfeito apenas com opiniões (*doxa*) e ficar preso ao senso-comum, cabe ao filósofo empreender uma ruptura com o conhecimento convencional e procurar a verdade no âmbito que lhe é mais seguro, o pensamento e as ideias.

Com base nesse ponto, Arendt afirma que a tradição de nosso pensamento político teve seu início definido nos ensinamentos de Platão e Aristóteles (ARENDR, 2005, p.13.). Começou realmente quando Platão formulou um dos traços que seriam a sua grande marca, cito nada menos do que a alegoria da caverna, em *A república*. Ali Platão descreve a esfera dos assuntos humanos, tudo aquilo que pertence ao convívio de homens em um mundo comum, em termos de trevas, confusão e ilusão, e como se sabe aqueles que aspirassem ao ser verdadeiro deveriam repudiar e abandonar, caso quisessem descobrir o céu límpido das ideias eternas.

A estória da caverna, segundo a pensadora, desdobra-se em três etapas: primeiro constitui a reviravolta que tem lugar na própria caverna, quando um dos habitantes subitamente consegue libertar dos grilhões que acorrentam suas “pernas e pescoços” para que eles apenas possam ver diante de si, colado seus olhos à tela sobre a qual as sombras e imagens das coisas aparecem; agora, ele se volta para o fundo da caverna, onde um fogo artificial ilumina as coisas na caverna, tais como realmente são. A segunda é reviravolta da caverna para o céu límpido, onde as ideias aparecem como verdadeiras e eternas essências das coisas na caverna iluminadas pelo sol, à ideia das ideias que possibilita o homem ver as ideias brilhar.

Finalmente, a terceira reviravolta, há necessidade de volver à caverna, de deixar o

reino das essências eternas e novamente se mover nos reinos das coisas perecíveis e homens mortais, cada uma dessas reviravoltas é realizada por uma perda de sentidos e orientação: os olhos acostumados às sombrias aparências do anteparo são ofuscados pelo fogo na caverna; os olhos já ajustados à luz que ilumina as ideias; finalmente, os olhos já ajustados à luz do sol devem reajustar-se a obscuridade da caverna.

Em *A Vida do Espírito* Arendt diz que: a parábola da caverna, narrada na República, constitui o próprio cerne da Filosofia política de Platão, mas a doutrina das ideias, tal como é ali exposta, deve ser entendida como aplicada à política, e não como doutrina original e puramente filosófica (ARENDR, 2002, p.238).

Para melhor compreensão da última citação e da questão que envolve a Alegoria da Caverna recorremos à Moraes (2001), uma vez que ele afirma que Platão, ao descrever o percurso do prisioneiro que se liberta das cadeias que o prendem ao mundo das sombras, no interior da caverna, pretende delinear o caminho do pensamento em busca da verdade. Primeiramente, há um movimento ascendente do pensamento que eleva gradativamente das sombras dos objetos, passando para o fogo que os ilumina e em seguida para a luz do dia. Superando o mundo sensível, o interior da caverna no qual só a opinião sobre coisas, resta ascender no mundo inteligível.

Apesar dos filósofos clássicos priorizarem o modo de vida contemplativo, Arendt deixa claro que a contemplação é oposta à ação política. Não descarta inclusive a possibilidade de que Platão e Aristóteles quando se puseram a tratar deste tema estivessem fazendo um parêntesis na sua atividade principal, que era o pensar para responder a questões surgidas na época. Analisando historicamente, a Grécia passava por um período de crise e Platão e Aristóteles aparecia nesse cenário como uma representação ressurgindo das ruínas da guerra do peloponeso³, respondendo a um problema real, a reeducação de um povo que havia perdido seus valores morais e políticos em decorrência dos reveses da Guerra. Com isso, Arendt, citando Pascal, menciona:

Só conseguimos imaginar Platão e Aristóteles vestindo as grandes túnicas de acadêmicos. Eles eram pessoas de bem, como as outras, riam com seus amigos; e quando quiseram se divertir escreveram as Leis e a Política. Se escreveram sobre a política foi como que para pôr ordem em um hospício; e se deram a impressão de estar falando uma grande coisa, é porque sabiam que os loucos a que falavam pensavam ser reis e imperadores. Adotaram seus princípios para tornar a loucura deles o mais inofensiva possível (PASCAL *apud* ARENDR, 2002, p.116).

³ Guerra entre Atenas e Esparta ocorrida em 431 a.C-404 a.C iniciada durante o governo de Péricles que veio a morrer durante o conflito. Atenas foi derrotada por Esparta perdendo assim o domínio sobre as outras cidades gregas encerrando o que teria sido um período de grande desenvolvimento cultural, político e econômico de Atenas governada por Péricles. A consequência imediata desta guerra que se arrastou por muito tempo foi à decomposição moral da sociedade e a transmutação de todos os valores (JAEGER, 2003, p.458).

Entretanto, apesar da primazia da vida contemplativa sobre as atividades da *vida activa* durar por um longo período de tempo, este modo de vida sofreu um “grande golpe” que constitui uma completa inversão desde quando o pensamento passou a ser exercido como instrumento de ação e fabricação. O grande nome em destaque, que completou essa total inversão compreendida por Arendt, visto os fatores históricos, sociais e filosóficos, foi Karl Marx. A respeito dessa inversão de posições, Duarte (2000) diz:

Arendt reconhecia em Marx o maior teórico da modernidade, não apenas porque ele percebera o movimento de completa reversão do paradigma instaurado na Grécia antiga, segundo o qual a atividade de política e o exercício da liberdade ocupavam o ápice da hierarquia das atividades humanas, enquanto trabalho e a sujeição humana às necessidades da vida ocupavam o seu estágio mais baixo, mas, também, porque ele antecipara em sua reflexão muitos outros traços característicos do nosso presente (DUARTE, 2000, p.81).

Sendo assim, se na Grécia e na Roma antigas o trabalho era uma atividade da qual era preciso estar liberto para poder participar da liberdade política, quer dizer, da participação ativa na definição dos rumos da cidade. Atualmente, podemos afirmar que o trabalho é a ocupação essencial dos homens, que dedicam o seu tempo livre ao desfrute da liberdade privada na apropriação e consumo dos bens produzidos.

Nesse contexto, de reviravoltas de paradigmas políticos surgido desde o advento da democracia grega voltamos nossas atenções por uma questão importante de que a *vida activa* depende da vida contemplativa e que ambas exercem papéis necessários. Devido às carências e às necessidades da contemplação num corpo vivo, do ponto de vista, da tradição, nesse sentido Arendt crítica à ordem hierárquica estabelecida desde Platão, que ainda se mostrou presente em Marx e Nietzsche, ocorrendo um determinado obscurecimento das diferenças e manifestações da própria *vida activa*. Arendt propõe uma igualdade de valores e preocupações relacionando com as suas expressões.

Hannah Arendt quer chamar a atenção para o detalhe: se o homem se diferencia dos demais seres vivos pela razão, é pela expressão artística e discursiva, fruto da reificação⁴ do pensamento, que o homem expressa melhor a condição humana ao estabelecer diferenciação entre: a razão contemplativa que, por meio da cognição, consegue articular o conhecimento e expressá-lo com palavras e obras, o raciocínio lógico, que se faz presente na coerência de

⁴ Hannah Arendt utiliza o termo reificação com sentido positivo, equivalente a dar forma visível a algo que deixado à sua sorte se esvaeceria como acontece com o som das palavras articuladas ou com um livro que não é lido.

qualquer expressão humana, a intuição, conhecimento imediato da realidade que se expressa de maneira exemplar nas criações artísticas, e a *vita activa*,

Assim, como o pensamento tem em comum com a vida se forem considerados e tomados como fúteis, também a atividade política dos homens que é manifesta através da linguagem discursiva, não deixa qualquer vestígio, ou “qualquer produto que possa perdurar depois que passa o momento da ação e da palavra falada” (ARENDDT, 2002, p.187). E, por isso mesmo, é que se faz necessário reviver antigas ideias e valores que na sua origem expressavam a ânsia de seus criadores em encontrar algo mais significativo para a vida do que o labor e o consumo.

Retórica em Aristóteles e o convencimento das massas

Os líderes totalitários, para convencer as massas, utilizaram de um forte discurso de convencimento e manipulação, por trás de uma grande publicidade com sentido e que poderia aparentar a superação da situação de crise vivida pela maioria da população. Sendo assim para a compreensão da arte da retórica, o pensamento de Aristóteles é fundamental.

Segundo Isis Borges B. da Fonseca, nas partes das obras de Aristóteles que envolvem a poética e a retórica, o mesmo elaborou a retórica com a intenção de mostra o caráter deficiente e nem tanto filosófico feito por Isócrates em sua escola em Atenas por volta de 393 a.C., porém para esse mestre da oratória, a retórica e a Filosofia recobriria a mesma realidade.

Para ele, o falar bem e o pensar bem são artes equivalentes, dessa forma, unificava a retórica e a Filosofia. A concepção de Isócrates diferia muito das exigências de Platão, pois o mesmo preferia utilizar da opinião, da *dóxa*, e não das inúteis inquirições dos filósofos que tentam levar a certezas filosóficas. Tomando por base no verossímil, Isócrates chegava a ideias aceitáveis e úteis.

Com esse embate de ideias entre Platão e Aristóteles, o mesmo estabelece leis para retórica e define regras. Segundo ele, a retórica deve ser sobretudo uma rigorosa técnica de argumentar, mas diferente daquela que caracteriza a lógica.

A lógica é composta de silogismos tendo por objetivo serem irrefutáveis, “enquanto a retórica utiliza os silogismos, denominados por Aristóteles entimemas, que embora convincentes são refutáveis” (FONSECA, 2000, p.13). Exemplo disso é quando se trata de fins políticos que envolvem o papel das opiniões e não apenas de verdades universais, ou seja, as opiniões fazem parte da constituição de raciocínio retórico. Nesse ponto, Aristóteles

afirma:

Com que argumentos se deve, pois, persuadir e dissuadir, louvar e censurar, acusar e defender-se, e que opiniões e premissas são uteis para as respectivas provas, e o que foi exposto, porque em torno desses argumentos e a partir deles se formam os entimemas, que se referem particularmente, por assim dizer, a cada gênero dos discursos (ARISTÓTELES, 2000, p. 3).

Para o fundador da escola peripatética, o orador, com o poder de sustentar uma tese ou anulá-la, devia descobrir pelo pensamento, em qualquer questão, o que ela encerrava de maneira persuasiva. Em sua forma de pensar, seria um absurdo a retórica servir-se de um monte de fórmulas empíricas como fazia seus predecessores. Segundo ele, “a faculdade ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão”, Aristóteles (*Ret.*, I, II, 1), ou seja, o orador que profere o discurso, está entre esses dois campos o teórico e a opinião e a reflexão é essencial para uma boa exposição por parte de quem discursa.

Conforme Marcos de Aurélio de Lima, o estagirita:

Na Retórica, embora o retor conte com uma estrutura discursiva geral pré-organizada, não é raro ele se deparar com aspectos imprevisíveis da vida prática e do mundo das opiniões. Frente a estes, o Estagirita situa a arte retórica também como uma sabedoria do lidar com as surpresas (discursivas e sociais), e de possivelmente transformar (ou manter) situações práticas a partir do discurso persuasivo (LIMA, 2011, p. 25).

Observamos aqui que o pensamento aristotélico se diferencia do pensamento de Isócrates, mas também não segue o pensamento platônico ao compreender que o imprevisível, mesmo com um discurso meticulosamente elaborado está presente e um exímio orador não pode ignorar este fato.

Segundo Lima (2011), a arte da retórica requer conhecimento e criatividade, pois não basta copiar e decorar fórmulas quando a vida é cercada de mistérios e imprevisibilidade, apenas uma cópia do discurso não resolve. Afinal, pelo pensamento aristotélico, aquele que discursa, busca persuadir o ouvinte, e não necessariamente copiar para persuadir.

Aristóteles destaca a utilidade da retórica, citando que o bom uso de qualquer que seja a faculdade humana pode ser muito útil, porém o mau uso pode ser muito prejudicial. Nesse ponto, encontramos relações práticas e reais do mau uso, quando citamos os regimes totalitários e a perversidade da lógica desses regimes. Arendt (2000) define a ideologia como se fosse a lógica de uma ideia, tomando como base as ideologias nazistas e estalinistas.

Na obra *A retórica*, Aristóteles (2015) trata de três conceitos: O *pathos*, o *logos* e

éthos. O *pathos* é uma palavra grega que está relacionada com sentimentos, paixões, sofrimentos e emoções é importante que o orador consiga transmitir comoção ao público que pretende convencer. O *logos* outra palavra grega que significa razão, lógica, ou seja, é necessário a quem profere o discurso uma sequência lógica de sentido, a estrutura do discurso deve ser coerente com a realidade. O *éthos* também é uma palavra grega relacionada com o caráter de quem fala, a sua autoridade ou o apoio de um especialista no assunto, ou uma pessoa de alta reputação.

O líder totalitário e toda estrutura por trás dele dominavam bem esses três elementos da retórica, presentes nos discursos. Quem estava por trás do discurso totalitário estava muito bem informado, dominava o *logos*, o algoz estava sempre à frente das suas vítimas. Atingia o coração dos ouvintes através de discurso calorosos que pretendia erguer o país tornando o forte, trabalhava as emoções na população, o *pathos*. O *éthos*, a credibilidade que se passava para a massa, o nazismo utilizou-se da religião, para o convencimento e credibilidade do discurso, mesmo que utilizando de ideias bíblicas totalmente fora de contexto e do discurso científico quando se pretendia purificar e permitir apenas a raça perfeita e superior.

Filme Matrix e a relação com o mito da caverna de Platão conforme Marilena Chauí

Conforme Chauí (2010), quem assistiu ao filme Matrix, o primeiro filme especificamente, há de se lembrar da cena em que o herói, Neo, é levado pelo guia, Morfeu, para ouvir o oráculo. No filme existe uma sibila, uma mulher que recebeu o oráculo (isto é, a mensagem), ela também é o oráculo, ou seja, a mensagem é que ela também é transmissora dessa mensagem.

Essa mulher pergunta a Neo se ele leu o que está escrito sobre a porta de entrada da casa em que acabou de entrar. O mesmo diz que não. Ela lê para ele as palavras, explicando-lhe que são de uma língua há muito desaparecida, o latim. O que estava escrito? *Nosce it ipsum*. O que significava? “Conhece-te a ti mesmo”. O oráculo diz a Neo que ele, e somente ele, poderá saber se é ou não aquele que vai livrar o mundo do poder da Matrix e, portanto, somente conhecendo-se a si mesmo ele terá a resposta. Chauí afirma que poucas pessoas que assistiram a esse filme compreendem exatamente o significado dessa cena. A tal cena é a representação, no futuro, de um acontecimento do passado, ocorrido há 23 séculos, na Grécia.

Com base nisso, Chauí relata:

Havia, na cidade de Delfos, na Grécia antiga, um santuário dedicado ao deus Apolo,

deus da luz, da razão e do conhecimento verdadeiro, o patrono da sabedoria. Sobre o portal de entrada desse santuário estava escrita a grande mensagem do deus ou o principal oráculo: *conhece-te a ti mesmo*. Um ateniense chamado Sócrates, foi a o santuário consultar o oráculo, pois em Atenas, onde morava, muitos diziam que ele era um sábio, e ele desejava saber o que era um sábio e se ele poderia ser chamado de sábio. O oráculo, que era uma mulher (a sibila), perguntou-lhe: “o que você sabe?”. Ele respondeu: “Só sei que nada sei”. Ao que o oráculo disse: “Sócrates é o mais sábio de todos os homens, pois é o único que sabe que não sabe”. Sócrates, como todos sabem, é o patrono da Filosofia (CHAUI, 2010, p. 7).

Observamos que existe uma relação entre o filme Matrix e a clássica história de Sócrates e o oráculo de delfos é um paralelo interessante feito pelo cineasta e que envolve um mundo futurista dominado pela tecnologia e que faz essa abordagem baseado no pensamento filosófico é uma aproximação também quando pensamos nas novas gerações que já nasceram em um ambiente cercado pela tecnologia.

Chauí diz que se voltarmos ao filme Matrix, poderemos perguntar por que ali foi feito um paralelo entre Neo e Sócrates. Começamos pelo nome de duas personagens masculinas principais: Neo e Morfeu. Esses nomes gregos significam, respectivamente, novo ou renovado e, quando dito de alguém, significa: jovem na força e no ardor da juventude. Morfeu pertence à mitologia grega: era o nome de um espírito, filho do sono e da Noite, que possuía asas e era capaz, num único instante, de voar em absoluto silêncio para as extremidades do mundo. Esvoaçando sobre um ser humano e pousando levemente sobre sua cabeça, tocando-o como uma papoula vermelha, possuía o poder não só de fazê-lo adormecer e sonhar, mas também de aparecer-lhe no sonho, tomando forma humana. É dessa maneira que, no filme, Morfeu se comunica pela primeira vez com Neo, que desperta assustado com ruído de uma mensagem na tela do seu computador. E, no primeiro encontro de ambos, Morfeu surpreende Neo por sua extrema velocidade, por ser capaz de voar e por parecer saber tudo a respeito desse jovem que não o conhece.

Morfeu pergunta a Neo se este tem sempre a impressão de estar dormindo e sonhando, sem nunca ter certeza de estar realmente desperto. Essa pergunta deixa de ser feita a partir do momento em que, entre uma pílula azul e uma vermelha oferecida por Morfeu, Neo escolhe ingerir a vermelha (como a papoula da mitologia), que o fará ver a realidade. Morfeu mostra a Matrix, fazendo-o compreender que passou a vida inteira sem saber se estava desperto ou se dormia e sonhava porque, realmente, esteve sempre dormindo e sonhando.

Chauí levanta o seguinte questionamento: qual é o poder da Matrix? O seu poder consiste em usar e controlar a inteligência humana para dominar o mundo, criando uma realidade virtual na qual todos acreditam. A Matrix é “o feitiço que se virou contra o

feiticeiro” (CHAUI, 2010, p. 8.), ou seja, a inteligência artificial toma o controle de toda a situação e passa a controlar os seres humanos e os utilizarem como fonte de energia presos e conectados na mesma, porém é criada em suas mentes uma realidade virtual e manipulada.

Em relação a isso, a filósofa diz:

A Matrix é o computador gigantesco que escraviza os homens, usando a mente deles para controlar seus sentimentos e pensamentos, fazendo os crer que é real o que é aparente. Vencer o poder da Matrix é destruir a aparência, restaurar a realidade e assegurar os seres humanos possam perceber e compreender o mundo verdadeiro e viver realmente nele todos os combates realizados por Neo e seus companheiros são combates mentais entre os centros artificiais da Matrix. As armas e tiroteios que aparecem na tela são pura ilusão, não existem, pois o combate real não é físico, e sim mental (CHAUI, 2010, p. 8).

Mas por que os personagens do filme apontam para Neo como o escolhido? E por que ele seria capaz de destruir a Matrix? A resposta é que ele era um pirata eletrônico, alguém que capaz de invadir os programas, decifrar códigos de criar uma realidade virtual, ou seja, ele estava apto a rivalizar com a Matrix. A autora afirma que Neo por ter um poder semelhante ao da Matrix sempre desconfiou da realidade que ela não seria exatamente como tal era apresentada. Sempre tinha dúvidas sobre a realidade percebida e, secretamente, questionava o que era a Matrix.

Essa pergunta o levou a vasculhar os circuitos internos da máquina, tanto que passou a ser perseguido por ela como alguém perigoso, e, a partir disso, chamou a atenção de Morfeu que o encontrou e, a partir daí, começou a descobrir sobre a verdade até então mascarada pela Matrix.

Qual o motivo de Sócrates ser considerado o patrono da Filosofia? Chauí responde que era porque jamais se contentava com as opiniões estabelecidas, com os preconceitos de sua sociedade, com as crenças que não poderiam ser questionadas de seus conterrâneos. Sócrates costumava dizer era impellido por um espírito interior (como Morfeu instigava Neo) que o levava a desconfiar das aparências e procurar a realidade verdadeira das coisas.

A partir disso, Chauí afirma:

Sócrates andava pelas ruas de Atenas fazendo perguntas aos Atenienses: “O que é isso em que você acredita?”, “O que é isso que você está dizendo?” “O que é isso que você está fazendo?”. Os atenienses achavam, por exemplo, que sabiam o que era justiça. Sócrates lhes fazia perguntas de tal maneira que, embaraçados e confusos, chegavam à conclusão de que não sabiam o que era a justiça. Os atenienses acreditavam que sabiam o que era coragem. Com suas perguntas incansáveis, Sócrates os fazia concluir que não sabiam o que era a coragem. Os atenienses acreditam o que eram a bondade, a beleza, a verdade, mas um prologando diálogo com Sócrates os fazia perceber eu não sabia o que era aquilo em que acreditavam (CHAUI, 2010, p. 9).

A pergunta: O que é? Era o questionamento profundo sobre a realidade de uma coisa para além das aparências e contra elas mesmas. Com essa questão, Sócrates levava os atenienses a descobrir a diferença entre parecer e o ser, entre a mera crença ou a opinião e verdade. As perguntas de Sócrates levavam os atenienses da época a pensarem de modo mais profundo sobre questões humanas que são complexas e necessárias.

Sabe-se que Sócrates era filho de uma parteira. O mesmo dizia que sua mãe ajudava no nascimento dos corpos e que ele também era um parteiro, mas não de corpos e sim de almas. Assim como sua mãe lidava com a matrix corporal, ele lidava com a matix mental, auxiliando conforme no diz Chauí as mentes a libertar-se das aparências e a buscar a verdade.

Comparando Sócrates com Neo, os combates socráticos eram também mentais ou de pensamento. E enfureceram de tal maneira que os poderosos de Atenas condenaram Sócrates à morte acusando-o de espalhar dúvidas sobre as ideias e os valores atenienses e, com isso, corromper a juventude que ansiava por conhecimento e adorava ouvir os ensinamentos de Sócrates.

A aproximação de Sócrates com Neo não está apenas no fato de ambos são instigados a desconfiar das aparências, nem apenas por ambos consultarem um oráculo e receberem como mensagem o “conhece-te a ti mesmo” e nem deles lidarem como matrizes. Podemos segundo Chauí encontra-lo também ao comparar a trajetória de Neo no interior da Matrix com um dos célebres escritos do filósofo Platão, discípulo de Sócrates e seu principal interlocutor de suas ideias que é a passagem encontrada na *A república* e chama-se o Mito da Caverna.

Para melhor compreensão do Mito da caverna vamos citar, conforme Chauí, os elementos que compõem a Caverna e o prisioneiro que consegue libertar e o que cada um representa na visão socrática platônica.

Imaginemos, diz-nos Platão, uma caverna separa do mundo exterior por um alto muro. Entre este muro e o chão da caverna existe uma fresta por onde passa alguma luz externa, deixando a caverna na obscuridade quase completa. Desde seu nascimento, geração após geração, seres humanos estão acorrentados ali, sem poder mover a cabeça na direção da entrada nem se locomover até ela, forçados a olhar apenas no fundo, vivendo sem nunca ter visto o mundo exterior nem a luz do sol. Totalmente imobilizados.

Abaixo do muro, do lado de dentro da caverna, há um fogo que ilumina vagamente o interior sombrio e faz com que as coisas que passam do lado de fora sejam projetadas como sombras nas paredes do fundo da caverna é como se fosse uma sala cinema e o fogo como a luz de um projeto de filmes.

Do lado exterior, pessoas passam conversando e carregando nos ombros figuras ou imagens de homens, mulheres, animais cujas sombras também são projetadas na parede da caverna. Nunca tendo visto o mundo exterior, os prisioneiros julgam que as sombras das coisas e das pessoas, os sons de suas falas e as imagens que transportam nos ombros são as próprias coisas externas, e que os artefatos, ou seja, as figuras e imagens que alguns transportam são seres vivos que se movem e falam.

Os prisioneiros comunicam-se, dando nome às coisas que julgam ver sem vê-las realmente, apenas as suas sombras e imaginam que o que escutam, e que não sabem que são sons vindos de fora, são as vozes das próprias sombras, e não dos seres humanos cujas imagens estão projetadas na parede, e também imaginam que os sons produzidos pelos artefatos que essas pessoas carregam nos ombros são vozes de seres reais.

Desse modo, qual é a situação desses prisioneiros? Tomam sombras por realidade, tanto as sombras das coisas e dos seres humanos exteriores como as sombras dos artefatos fabricados por eles. Essa confusão, conforme Chauí, não corresponde a um defeito, mas às condições adversas em que ele está submetido, mas o que aconteceria se um deles alcançasse a libertação dessa situação miserável?

Um desses prisioneiros não aceita a situação em que se encontra, decide abandonar a caverna. Consegue fabricar um instrumento com qual que os grilhões. No início, move a cabeça, depois o corpo todo; a seguir avança na direção da caverna, não é fácil, pois a vida toda acostumado na mesma posição, mas se esforça para sair dessa situação e escala o muro. Enfrentando as dificuldades do caminho íngreme sai da caverna. No primeiro instante, fica totalmente cego pela luz do sol, pela falta de costume. Enche-se de dor por causa dos movimentos que seu corpo realiza pela primeira vez e pelo ofuscamento de seus olhos sob a ação da luz externa, muito mais forte do que o fraco brilho do fogo que havia no interior da caverna. O mesmo fica dividido entre a incredulidade, por duvidar do novo ambiente, e o deslumbramento, causado pela intensidade da luz na qual não estava habituado.

O primeiro impulso é retornar à caverna para livra-se da dor e do espanto, atraído pela escuridão, o que lhe aparece mais acolhedora. Além disso, é preciso ver e esse aprendizado é doloroso, fazendo o desejar a caverna, onde tudo lhe é familiar e conhecido.

Mas sentido e sem disposição para regressar à caverna por causa da rudeza do caminho, o mesmo permanece no exterior. Aos poucos, habitua-se à luz e começa ver o mundo. Encanta-se, tem a felicidade de finalmente ver as coisas como elas realmente são, descobrindo que estivera prisioneiro a vida toda e que em sua prisão vira apenas sombras.

O desejo é ficar longe da caverna para sempre e lutará com todas as suas forças para

jamais regressar a ela. Mas lamenta a sorte dos outros prisioneiros. Por fim, toma a difícil decisão de voltar ao subterrâneo sombrio para contar os demais o que viu e convencê-los a se libertarem também.

Quais os desafios deste retorno? Os demais prisioneiros zombam dele, não acreditando em suas palavras. Se não conseguirem silenciá-lo com suas caçoadas, tentarão a partir da violência física. Se mesmo ele teimar em afirmar o que viu e os convidar a sair da caverna, certamente acabarão por mata-lo. Entretanto, quem sabe, alguns poderão ouvi-lo e decidir a sair da caverna para à realidade?

O que representa de fato cada elemento da caverna, Chauí explica:

O que é a caverna? O mundo das aparências em que vivemos. Que são as sombras projetadas no fundo? As coisas que percebemos. Que são os grilhões e as correntes? Nossos preconceitos e opiniões, nossa crença de que o que estamos percebendo é a realidade. Quem é o prisioneiro que se liberta e sai da caverna? O filósofo. O que é a luz do sol? A luz da verdade. O que é o mundo iluminado pelo sol da verdade? Da realidade. Qual o instrumento que liberta o prisioneiro rebelde e com o qual ele deseja libertar os outros prisioneiros? A Filosofia (CHAUI, 2010, p.10).

Segundo Dala Santa (2013), sobre o mito da caverna e a sua função político educacional:

Fica evidente a conotação político-educacional da alegoria da caverna, e a indelével relação entre a justiça, a educação e a edificação da Cidade ideal, que nos Livros VI e VII recebe uma fundamentação metafísica. O modelo educacional que forjaria o guardião-filósofo deveria ser capaz de livrá-lo da escuridão dos sentidos, fazendo com que galgasse o íngreme aclone que conduz à plena luminosidade do Bem. Com as imagens do Sol e da linha dividida e especialmente com a alegoria da caverna, Platão coroa o argumento da República, estabelecendo as bases éticas, educacionais, ontológicas e epistemológicas do seu Estado perfeitamente justo, em consonância com o primado de um governo pautado na razão a ser efetivado pelos governantes-filósofos (DALA SANTA, 2013, p. 82).

Dala Santa realiza uma abordagem interessante sobre a ideia transmitida pelo mito da caverna que tanto o viés político quanto o educacional destacam o pensar, uma forma filosófica capaz de ir além dos sentidos e da aparência.

Considerações finais

O artigo surgiu de reflexões ao longo da graduação do curso de Filosofia na Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes - e sendo aprofundado no Mestrado Profissional em Filosofia. O pensamento de Hannah Arendt e as possibilidades de discussão no ensino médio se mostrou uma reflexão necessária e essencial para a melhor compreensão

dos alunos sobre o ensino da Filosofia e a manipulação produzida através da propaganda dos regimes com viés autoritários e na forma radical, ocorrida nos regimes totalitários.

No primeiro momento do artigo foi abordado sobre a *vita contemplativa* e seu enfraquecimento e perda de valor, para melhor compreensão da importância da contemplação como busca da verdade desde os filósofos antigos, Arendt voltou à atenção para a alegoria da caverna de Platão. Que mostra a passagem do mundo sensível para o mundo inteligível, a busca da verdade e a superação da doxa pelo filósofo. Nos dias atuais é um problema recorrente a doxa como utilização da manipulação nas redes sociais para atender o interesse e a manutenção do poder de candidatos ou grupos políticos que conservam a ignorância e a pobreza da maioria da população em prol de um pequeno grupo.

Ponto importante discutindo também foi o uso da retórica. No qual o líder usa para o convencimento das massas e manipulação. A retórica é tratada com precisão na obra de Aristóteles. Para conquista das pessoas que são alheias as questões políticas ou não identificam com a ideologia, Aristóteles destaca três conceitos que são necessários para que o discurso atinja diretamente são eles: o *pathos*, o *logos* e *ethos*.

Para finalizar, abordamos a relação do “mito da caverna”, de Platão, com o filme Matrix. Do mesmo modo que alguém escapa da caverna e consegue se libertar da ignorância, no Matrix, Neo se liberta do computador que cria ilusões nas pessoas e suga suas energias para manter o sistema funcionando. Em ambos os casos não é fácil abandonar e superar as aparências. Sendo assim, o ensino da Filosofia é essencial para levar as pessoas a pensarem e refletirem sobre a situação atual e a saída da caverna ou da Matrix. Não é fácil, mas a tarefa do professor de Filosofia é apresentar o conhecimento filosófico através de um material didático e enriquecedor para que se atinja essa finalidade.

Referências

ARENDDT, Hannah. **O que é política**. Trad.: Reinaldo Guarany. 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2011.

_____, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 5ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva. Trad.: Mauro W. Barbosa, Coleção Debates, 2005.

_____, Hannah. **A vida do espírito. O penar, o querer, o julgar.** 4º ed. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 2002.

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões.** Trad. Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Retórica.** Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Coleção Folha. Grandes nomes do pensamento; v. 1. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.

CHAUI, Marilena. **Iniciação à Filosofia:** Ensino Médio. Vol. único, São Paulo: Ática, 2010.
CORREIA, Adriano. O desafio moderno Hannah Arendt e a sociedade de consumo.

Ed:UFMG, Belo Horizonte 2001. *In.* BIGNOTTO, Newton, MORAES, Eduardo Jardim de. **Hannah Arendt:** Diálogos, Reflexões, Memórias. Ed:UFMG: Belo Horizonte, 2001.

DALA SANTA, Fernando. **Justiça, política e formação na república platônica: a Paidéia enquanto caminho para a virtude,** 2013. Disponível em:
https://www.academia.edu/10073080/JUSTI%C3%87A_POL%C3%8DTICA_E_FORMA%C3%87%C3%83O_NA_REP%C3%9ABLICA_PLAT%C3%94NICA_A_PAID%C3%89IA_ENQUANTO_CAMINHO_PARA_A_VIRTUDE Acesso em: 23/01/2019.

DUARTE, André. **Hannah Arendt e a modernidade:** esquecimento e redescoberta da política, 2001. Disponível em: http://works.bepress.com/andre_duarte/13/ . Acesso em 18 out. 2011.

DUARTE, André. **O pensamento à sombra da ruptura** – política e Filosofia em Hannah Arendt. São Paulo. Editora: Paz e terra, 2000.

FONSECA, Isis Borges B. da. Introdução in ARISTÓTELES, **Retórica das Paixões**, Trad. de Isis Borges B. da Fonseca, (Clássicos). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LIMA, Marcos Aurélio de. **A retórica em Aristóteles:** da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia. Rio grande do Norte: IFRN, 2011.

PLATÃO. **A República.** Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3. Ed. Belém: EDUFPA, 2000.

Recebido em: 15 de março de 2021.
Aprovado em: 26 de junho de 2021.